

**Como citar este texto:** HOLLANDA, C. A fotografia como instrumento de observação urbana: uma questão convergente em pesquisa sobre as cidades. **VIRUS**, São Carlos, n. 7, julho 2012. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus07/?sec=4&item=2&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

## **A fotografia como instrumento de observação urbana: uma questão convergente em pesquisa sobre as cidades**

Carolina de Hollanda

**Carolina de Hollanda** é arquiteta e fotógrafa, pesquisadora do PROURB/UFRJ. Em seu mais recente trabalho, atuou junto à equipe do Laboratório de Habitação/FAU/UFRJ como arquiteta supervisora em projeto de regularização fundiária em parceria com a Superintendência do Patrimônio da União. Pesquisa as características urbanas e habitacionais de um assentamento popular, utilizando a fotografia como principal elemento de investigação.

### **Resumo**

O valor do alcance da imagem como suporte técnico investigativo tem sido amplamente questionado e, atualmente, ainda encontra resistências.

A fotografia, porém, como documento e testemunho, vem resistindo há mais de um século, e é produto e instrumento da urbanização e da expansão e crescimento das cidades, sendo portanto, essencialmente urbana, na medida em que surge no mesmo momento em que nascem as cidades modernas, sendo inúmeros os registros de fotógrafos que sobre elas se debruçaram e relevantes os trabalhos de arquitetos e urbanistas que utilizam o suporte imagético como instrumento de investigação da vida urbana.

Tendo como exemplo final de novo enfoque o assentamento popular Campo Alegre, localizado entre os municípios de Nova Iguaçu e Queimados, na região metropolitana do Rio de Janeiro, o artigo traça um panorama da importância da utilização da fotografia como instrumento metodológico de pesquisa e tem como objetivo relatar sobre a importância do pesquisador utilizar a fotografia como fonte de investigação e divulgação científica durante a observação e

registro dos acontecimentos da vida urbana: suas histórias, seus significados e lembranças, na tentativa de decodificar seus símbolos e revelar as contradições contidas em sua realidade.

**Palavras-chave:** fotografia; testemunho visual; urbanismo; assentamentos populares.

## **Fotografia: documento e testemunho**

A fotografia, enquanto documento capaz de se configurar como testemunho de ocorrências do passado e caminho indispensável para análise e melhor compreensão da realidade de um determinado período, ainda não obteve o reconhecimento adequado nas áreas do conhecimento humano.

A Fotografia, no decorrer da História, já esteve à serviço de ideologias políticas, religiosas, socioculturais, além daquelas puramente estéticas. Surgida na segunda década do século XIX, proporcionou registros visuais com vistas à memória social das sociedades, aos conflitos e eventos de guerra pelo fotojornalismo, à pesquisa científica cujas experimentações comprovaram-se pelas evidências imagéticas e à criação artística, proporcionada pelas experimentações expressas por distintas linguagens e estilos artísticos.

De acordo com o arquiteto e fotógrafo Boris Kossoy (2001), porém, a fotografia, apesar de ter alcançado valor como meio de conhecimento, ainda encontra oposições culturais pela maior parte das Instituições que reconhecem somente a escrita como expressão capaz de transmitir o saber científico de forma plena, embora a fotografia já fosse utilizada para finalidades documentais desde os anos de 1930. Segundo Carney Gavin (1985) citado por Kossoy (2001):

Paradoxalmente, os documentos fotográficos, apesar de sua legendária superioridade em relação aos registros verbais, ainda hoje frequentemente escapam da malha fina da erudição. Os bibliotecários diligentemente preservam minúsculos fragmentos das notas de um escritor, curadores de arte guardam como tesouro até o mais inacabado esboço de um artista; no entanto, muitos repositórios culturais contêm preciosas fotografias que jamais foram registradas nos inventários. (GAVIN, 1985, p.9 apud KOSSOY, 2001, p.29).

Sob a liderança de Roy Stryker<sup>1</sup>, fotógrafos de grande renome registraram, através de suas objetivas, os anos da grande depressão: Dorothea Lange, Walker Leans, Russell Lee, Arthur Rothstein, Gordon Parks são alguns dos nomes responsáveis pelo rico acervo constituído

---

<sup>1</sup> Economista formado pela Columbia University que desde então baseava seus textos e aulas em imagens.

através da Farm Security Administration (FSA), órgão criado, em 1935, pelo então presidente Franklin Roosevelt.

A FSA realizou trabalho pioneiro e um dos maiores de documentação da História, ao reunir uma equipe para testemunhar a vida dos agricultores afetados pela crise de 1929, criando, assim, um dos maiores e mais importantes acervos fotográficos da América do Norte, no início do século XX (NUNES, 2011.).

A organização, criada com o objetivo de fornecer apoio aos pequenos agricultores e comunidades rurais no período da Grande Depressão, recorreu à Fotografia a fim de registrar os trabalhos que deveriam ser realizados pela FSA.

Consolidava-se assim a concepção do que viria a ser fotodocumentarismo e a FSA teve papel relevante e de grande influência nos trabalhos documentais que surgiram a partir desse momento em diante.

Se por um lado, a fotografia já havia sido legitimada como fonte documental, seu reconhecimento em pesquisas, pela teoria e pelos textos, chegou muito recentemente, a partir dos meados do século XX (ROUILLÉ, 2009, p.16), e na Academia, a Antropologia Visual foi uma das primeiras áreas a defender o uso da imagem em seu processo metodológico de pesquisa.

A Antropologia Visual vem se desenvolvendo desde a década de 1970 e tem importante trabalho teórico e reflexivo, que consiste em determinar e analisar as propriedades dos sistemas visuais e suas estratégias discursivas, assim como as condições da sua interpretação, relacionando esses sistemas particulares com as complexidades dos processos políticos e sociais dos quais são parte (PARES, 1997.).

Collier (1973), na década de 1970, destacava a importância da utilização do registro fotográfico no desenvolvimento da pesquisa antropológica, acreditando que somente a imagem estática tem a capacidade de revelar aspectos de uma determinada região e povoado em toda a sua autenticidade.

A fotografia, como documento e testemunho, vem resistindo há mais de um século, e de acordo com Rouillé (2009), é produto e instrumento da urbanização e da expansão e crescimento das cidades, sendo portanto, igualmente e essencialmente urbana, na medida em que surge ao mesmo momento em que nascem as cidades modernas, sendo inúmeros os registros de fotógrafos que sobre elas se debruçaram (ROUILLÉ, 2009, p.29).

Para citar alguns exemplos, entre os brasileiros, podemos encontrar Marc Ferrez (1843-1923), com a sua visão de paisagista, e Augusto Malta (1864 - 1957), com o seu olhar fotojornalístico: ambos documentaram as transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, a partir do final do século XIX.

Marc Ferrez foi o fotógrafo que maior reconhecimento teve em sua época (MOREIRA, 2008.) Registrou diversas regiões do Brasil à cargo da Comissão Geológica do Império e foi responsável por retratar cenas do cotidiano e, principalmente, imagens paisagísticas.

Malta - o fotógrafo documentarista oficial do governo de Pereira Passos (cargo criado especialmente para ele) –, junto com Ferrez, foi responsável por registrar as alterações urbanísticas ocorridas na época, assim como edificações que iriam ser demolidas, enchentes, desabamentos, além de eventos e celebrações organizadas pela Prefeitura.

A Fotografia passava a ser reconhecida como instrumento documental de grande importância histórica. Através dela, Pereira Passos pretendia demonstrar os avanços realizados em oposição ao “atraso” anterior. Sobre sua função como fotógrafo, Moreira (2008) fala:

Entusiasmado com o resultado obtido pelas fotografias, Pereira Passos ofereceu a Malta o cargo de fotógrafo documentalista da Prefeitura [...]. Em suma, algo que correspondesse ao esforço conjunto da Prefeitura e do governo federal para a transformação do Rio de Janeiro em uma metrópole nos moldes europeus. Mas, principalmente, que deixasse fotograficamente documentado tanto o atraso anterior, quanto a grandiosidade de cada uma das obras e não podemos nos esquecer que a fotografia era vista então como a mais real e fiel expressão de um acontecimento. Mas Malta deveria registrar principalmente os resultados obtidos. Em outras palavras, documentar a transformação de uma cidade ainda tipicamente colonial em uma verdadeira metrópole, e através dela — civilizar os hábitos e costumes da população.” (MOREIRA, 2008).

Na Arquitetura e no Urbanismo, autores renomados já discursaram sobre o valor da imagem como elemento essencial na busca pelo entendimento da paisagem e da transformação do espaço urbano e passaram a utilizar o discurso imagético como caminho principal para se compreender a própria cidade em construção e a relação do habitante com seu espaço.

Kevin Lynch, por exemplo, em *A Imagem da Cidade* (1997), publicado em 1960, defende a importância de se apreender a percepção da cidade por seus habitantes e a descoberta de seus significados através de seus simbolismos e da memória coletiva.

Em um momento de forte crítica à perda da dimensão humana nas cidades modernas, Lynch trouxe importantes contribuições para o campo urbanístico, pois dissertou sobre a observação

e percepção do espaço urbano, explorando não somente a questão temporal na história das cidades assim como principalmente a percepção visual da cidade e quais os sentimentos que esta desperta no indivíduo, seguindo uma direção que apontava para a antropologia.

Na obra, o autor investigou sobre a percepção da imagem por intermédio do olhar e da sensação visual, ambos elementos que nos tornam capazes de apreender a natureza de uma cidade e codificar seus símbolos coletivos e individuais, conferindo significado àquilo que se vê. Dessa forma, com a clareza e definição dessa imagem é possível, então, adquirir novas informações e identificar qual a relação do ser observado com o mundo que o circunda.

Seguindo tais preceitos, o arquiteto e urbanista passa a reconhecer outros processos metodológicos no desenvolvimento de sua pesquisa urbanística e a admitir como ferramenta essencial ao seu estudo, o registro de imagens. Percebe que, em determinados momentos, somente a fotografia e seu contexto visual possibilitam recolher e extrair todas as informações que não foram verbalizadas em diálogos ou depoimentos, ou seja: tornam acessíveis a compreensão visual daquilo que não foi captado por intermédio de falas e entrevistas, e, finalmente, restauram a imagem narrada no momento em que se faz o resgate e o registro do olhar sobre a área em questão.

Mais tarde, já na década de 1980, em pesquisa no Centro de Estudos Urbanos e Regionais do Massachusetts Institute of Technology, Lynch escreve o livro "A Boa Forma da Cidade", outro livro de relevante contribuição, onde discorre principalmente sobre a forma da cidade, apreendida através dos mapas mentais e sobre a imagem que o indivíduo traça dela. Mais uma vez, um estudo que teve como objetivo investigar a qualidade visual da cidade (no caso, norte-americana) através da imagem ou registro mental que seus habitantes possuem dela.

Mais recentemente, podemos citar como referências entre os estudiosos que se dedicam ao resgate da função social e simbólica da cidade e à questão psicológica e antropológica no urbanismo por meio da sensibilidade e da dimensão humana, os arquitetos e fotógrafos Cristiano Mascaro e Boris Kossoy<sup>2</sup>.

Mascaro, há mais de duas décadas, realiza registro incessante da cidade de São Paulo e de sua arquitetura, e tem documentado o interior do estado assim como de patrimônios históricos e culturais do Brasil. Sobre a possibilidade de retratar a cidade, diz Mascaro em depoimento

---

<sup>2</sup> Mascaro e Boris Kossoy são pesquisadores e profissionais atuantes que se debruçam sobre o valor da fotografia enquanto testemunho e documento na História (Vide "Fotografia & História" e "Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo").

realizado para uma de suas exposições: “ [...] descobri a fotografia como um universo fascinante, uma forma extremamente expressiva, de fixar a vida como a gente vai observando e andando pelas ruas [...]” (MASCARO, 1993).

Interpretando esta frase, podemos concluir que a imagem não só é uma das formas de se apreender e penetrar na dinâmica do cotidiano da cidade, como também é um instrumento que possibilita ao arquiteto e urbanista refletir sobre este universo e analisá-lo segundo o olhar de quem busca por respostas sobre a vida urbana.

Kossoy lança um olhar apurado sobre a vida nas cidades – especialmente Brasil e NY - em seu acervo fotográfico. Acredita que a imagem fotográfica seja “um fragmento do mundo, que ao representar o espaço, nos remete ao tempo [...]” (KOSSOY, [s.d.]).

Nos anos 1970, fotografou as manifestações políticas e a vida da cidade de Nova York, dedicando atenção especial à arquitetura, enquanto também sugeriu uma fotografia ficcional, por exemplo, em um de seus livros “Viagem pelo Fantástico”, publicado em 1971, ao mesmo tempo em que realizou um trabalho documental, mas que teve sempre como objetivo final o questionamento sobre a veracidade da realidade que vemos e observamos.

Em uma década em que os fotógrafos se dedicavam à imagem documental e descritiva, Kossoy inovou ao publicar imagens de expressão visual do realismo fantástico. Sua série “Cartões antipostais”, segundo Vasquez (2010), teve por objetivo dismitificar a idealização por parte da sociedade, criada pelo fenômeno “milagre brasileiro”. Com a série, o fotógrafo revelou o lado obscuro do país, oculto no ideário visual que se pretendia divulgar na época do regime militar.

Sobre o autor, relata Fernandes Junior (2011):

[...] O interessante é justamente buscar entender em nossa livre associação que Kossoy não segue a tradição da fotografia documental produzida naquele momento no país, mas busca se enveredar pela tensão, pelo instante aparentemente encontrado ao acaso, mas que foi meticulosamente engendrado. A literatura é sua principal influência, daí essa sensação de inquietude que instiga nossa curiosidade sobre sua representação fotográfica que cria espaços para buscar aproximar aquele mundo representado da nossa experiência sócio-cultural.

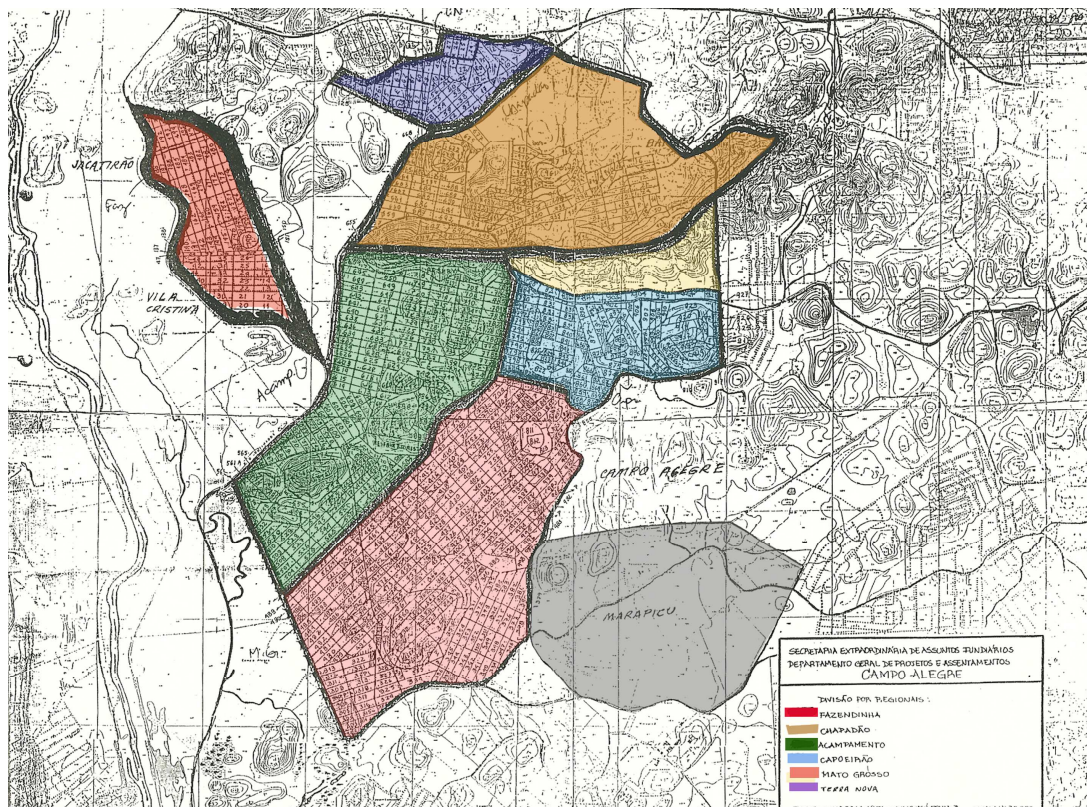
Tanto Kossoy quanto Mascaro são exemplos significativos de arquitetos e urbanistas que têm seus trabalhos baseados na linguagem visual, e que fazem dela seu guia para melhor explicar e decodificar a cidade.

Para a obtenção de informações sobre as características do espaço urbano e a consequente possibilidade de interpretá-las a fundo, os arquitetos lançam mão de um procedimento metodológico central definido pelo uso da fotografia, entendendo que sua natureza permite alcançar, por meio da observação e da interação humana, a capacidade de visão conjunta do pesquisador em relação ao ambiente que circunda sua matéria.

### **A aplicação em uma pesquisa: Campo Alegre, um estudo de caso**

Tendo como exemplo de aplicação de um novo enfoque em uma área de grande representatividade urbana dentro de dois municípios do Rio de Janeiro (Queimados e Nova Iguaçu), os quais apresentam alguns dos maiores números de déficit habitacional em nosso país, a escolha do assentamento Campo Alegre se justifica, principalmente, pelo seu valor histórico.

O assentamento foi implementado pelo programa de reforma agrária, na década de 1980, e é considerado, pelo próprio Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro (ITERJ), uma das áreas mais representativas no que diz respeito às condições de suas moradias e à formação de seu mutirão, que teve representação simbólica muito forte no surgimento de vários outros movimentos pela terra ocorridos no início desta referida década. Campo Alegre constitui-se, conseqüentemente, em um referencial entre os assentamentos surgidos naquele período no Estado do Rio de Janeiro.



**Figura 01:** Divisão das regionais do assentamento Campo Alegre. Fonte: ITERJ



**Figura 02:** Assentamento Campo Alegre. Fonte: GOOGLE EARTH, 2008.



Originalmente, a área possuía características rurais, embora, atualmente, já seja identificada também como área urbana dentro do quadro do ITERJ, pois se encontra localizada na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, e por isso, acaba por absorver as características urbanas do espaço que a envolve.

Portanto, o segundo motivo que levou à escolha da área se deve pelo fato de se observar um número menor em relação à vasta bibliografia destinada à pesquisa de políticas habitacionais nos grandes centros quando em comparação com o número de trabalhos dedicados ao papel da ruralidade na relação com a cidade e seu contexto urbano, a área acima citada foi escolhida como tema de pesquisa.

Por acreditar, portanto, na contribuição que se deseja oferecer a um espaço que, ainda não obteve a atenção merecida, o estudo se desenvolve em uma área que abrange a questão urbana aliada à características, por vezes, rurais.

Estudar a questão de como o morador, ocupante de um assentamento, inicialmente irregular, lida e transita no espaço afastado do centro, mas também por ele abrangido, é a questão que permeia o projeto.

Com interesse em analisar de que modo ocorre a interferência da área metropolitana nas construções, na organização e no desenvolvimento do espaço do assentamento, foi estabelecido para o projeto como objetivo norteador, a análise da relação que o morador constrói com seu habitat. Além disso, a pesquisa busca o entendimento de como o ambiente externo à Campo Alegre (assim como seu município e seu bairro) reflete e modifica os hábitos de seus habitantes, a construção das edificações e a forma de ocupação da área no período presente, sabendo que, atualmente, esta se encontra já bastante ampliada e urbanizada, diferentemente das décadas iniciais referentes ao período de sua implementação.

Para a obtenção de informações sobre as características desse processo e a consequente possibilidade de interpretá-las a fundo, o desenvolvimento do projeto prevê um procedimento metodológico central definido pelo uso da fotografia, entendendo que sua natureza permitirá alcançar, por meio da observação e da interação humana, a capacidade de visão conjunta do pesquisador em relação ao ambiente que circunda sua matéria, tornando a câmera fotográfica a ferramenta de pesquisa ideal e capaz de proporcionar ao pesquisador um maior e mais próximo envolvimento com seu objeto de estudo.

Assim, por intermédio do registro sistematizado de imagens documentais em conjunto com o material recolhido de entrevistas em campo, é possível a obtenção de informações que

auxiliem na compreensão do modo de vida dos moradores desse assentamento, analisando seus deslocamentos para a região central metropolitana e as transformações que esse entorno desempenha na relação do assentado com sua moradia, além de permitir a identificação das origens dessa modificação a partir de uma questão social.



**Figure 03** – Caminho na regional Mato Grosso, Campo Alegre, 2008. Fonte: Arquivo pessoal (Foto: Carolina de Hollanda)

### **Habitação Social: dimensões sociais, culturais e econômicas captadas por intermédio da leitura visual**

Para se estudar uma das questões referentes à habitação de interesse social no Brasil, a pesquisa aborda questões relacionadas à formulação de políticas públicas habitacionais em um período em que é de extrema importância a construção de um novo pensamento e o aprofundamento a respeito da análise da construção dos programas urbanos e habitacionais no Brasil.

Fatores como o déficit, a inadequação habitacional e a falta de saneamento básico são questões que merecem atenção especial, especialmente em um período em que esse quadro é agravado pelo crescimento urbano vertiginoso e ocupação desordenada do solo, originando áreas cada vez mais precárias e um contexto de vulnerabilidade e risco.

De acordo com subsecretária-geral da ONU e diretora executiva do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (Un-habitat), Anna Tibaijuka (2010):

[...] o crescimento contínuo das cidades exige novas soluções e políticas públicas que dêem conta de congregar moradia adequada com acesso a bens e serviços, além de promover geração de renda para um contingente populacional que ainda migra das zonas rurais para as cidades, em busca de melhores oportunidades e qualidade de vida.

Ainda segundo Tibaijuka (2010), a exclusão nos aspectos culturais, sociais e políticos é um dos principais fatores responsáveis pela exclusão econômica de grande parte da população mundial e somente a urbanização baseada no direito ao abastecimento de água, à rede coletora de esgoto, à moradia adequada, a ambientes sustentáveis e à educação, tornará possível um desenvolvimento qualitativo de uma cidade e a redução daqueles que não exercem o direito à cidade.

No sentido, portanto, de se alcançar as dimensões sociais, culturais e econômicas capazes de interferir na construção do espaço do assentamento desprovido dos serviços e equipamentos comunitários oferecidos à região urbana a qual pertence, a aplicação de uma metodologia de investigação capaz de contribuir para a formulação de políticas públicas voltadas para programas urbanísticos e habitacionais que aumentem a oferta de territórios urbanizados e de infraestrutura se torna de extrema importância.

No caso específico, a câmera fotográfica, como instrumento responsável para o registro das representações culturais, se torna capaz de codificar a linguagem não-verbal presente na realidade cotidiana de seus habitantes.

O registro sistematizado de imagens possui importante valor documental, pois representa o resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural (KOSSOY, 2001, p.55). Os espaços vivenciados são gravados em superposição de imagens no imaginário do cidadão e perpetuados em sua lembrança visual.

A fotografia, assim, ainda que pouco absorvida como instrumento eminentemente eficaz no desenvolvimento metodológico de uma pesquisa científica, torna possível a obtenção do entendimento do modo de vida urbano da cidade, suas transformações no decorrer do tempo, sua mobilidade assim como a análise da relação dos moradores com o espaço em questão, além de tornar viável identificá-los com seu habitat.

Ao fotografar o assunto e registrá-lo sob o ângulo da máquina fotográfica, o observador interage com o objeto e os participantes do cenário de forma bastante próxima, sem assumir

uma postura distanciada sobre o grupo social e as circunstâncias estabelecidas como centro de interesse de sua pesquisa<sup>3</sup>. Tal fato evidencia a câmera fotográfica como ferramenta de pesquisa essencial e capaz de proporcionar ao pesquisador um maior e mais próximo envolvimento com seu objeto de estudo.

O instante fotografado congela a imagem (estática) e pode evidenciar o sentimento nostálgico (exercício da memória) ou o apelo pela transformação imediata do espaço presente (projeção para o futuro). O "pesquisador-fotógrafo", no momento em que aceita o universo urbano tal qual se apresenta, ou seja, em constante mutação, descobre-se visceralmente conectado à cidade e coloca em pauta a discussão de práticas socioculturais estruturadas a partir do universo imagético.

A documentação em campo possibilita um maior controle da análise visual, além de permitir o registro de determinadas situações que representem mudanças em seus hábitos culturais e a junção da fotografia como instrumento imagético com as duas disciplinas, arquitetura e o urbanismo, permite o desenvolvimento de uma discussão sobre o espaço por meio não somente do conhecimento teórico que permeia o Urbanismo e a Arquitetura mas também do contexto visual, o que tornará possível o aprofundamento de um mesmo assunto a partir de duas disciplinas que se complementam.

## **A metodologia do olhar: o entendimento local através da imagem**

Em perfeito ajuste com o dinamismo da cidade contemporânea, o pesquisador utiliza a fotografia como fonte de investigação e divulgação científica e observa e registra os acontecimentos da vida urbana de Campo Alegre: suas histórias, seus significados e lembranças que são resgatadas também visualmente.

No caso específico de Campo Alegre, a análise da imagem fotográfica serve, portanto, para rastrear suas características econômicas, sociais e culturais, acreditando que tal instrumento de análise investigativa exerça papel de significativo valor para o estudo de tantos outros

---

<sup>3</sup> Aqui é importante observar que para tal proximidade com o tema, devemos considerar o fotógrafo que atua em campo, frequenta o lugar objeto de seu estudo e cria laços de convívio com os habitantes locais e que, portanto, não registra o assunto com olhar distanciado de um mero visitante, mas sim, ao contrário, com o olhar de quem absorveu a vida cotidiana daquilo que se deseja fotografar e com a preocupação de criar um vínculo efetivo com seu trabalho documental.

assentamentos na relação com a cidade e seu contexto urbano, prestando elevada contribuição no auxílio da superação de problemas apontados por meio do olhar documental.

Por intermédio do registro sistematizado de imagens em conjunto com o material recolhido de entrevistas em campo, é possível a obtenção de informações que auxiliem na compreensão do modo de vida dos moradores desse assentamento, analisando seus deslocamentos para a região central metropolitana e as transformações que esse entorno desempenha na relação do assentado com sua moradia, além de permitir a identificação das origens dessa modificação a partir de uma questão social.

Trata-se de compreender visualmente aquilo que, em um momento anterior, foi captado por intermédio das falas das entrevistas e restaurar a imagem narrada no momento em que se faz o resgate do olhar sobre a relação da área com seus moradores<sup>4</sup>: uma tentativa de, através de recortes e suportes imagéticos, decodificar os símbolos e revelar as contradições contidas em sua realidade, em busca pela compreensão de uma determinada identidade cultural, individual e coletiva da própria cidade contemporânea e do ser que a habita.

## Referência bibliográfica

COLLIER, J. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: E.P.U., Editora Pedagógica e Universitária Ltda/Ed. USP, 1973.

FERNANDES JUNIOR, R. 40 anos de viagem pelo fantástico - fotografias de Boris Kossoy. In: **Icônica** (blog), 3 de outubro de 2011. Disponível em: <[http://www.boriskossoy.com/imprensa/iconica\\_40anosfantastico.pdf](http://www.boriskossoy.com/imprensa/iconica_40anosfantastico.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2012.

MASCARO, C. Cristiano Mascaro - Encontros. In: Biografia. **Enciclopédia Itaú Cultural**, 1993. Vídeo. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia&cd\\_verbete=1471](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1471)>. Acesso em: 15 mar. 2012.

TIBAIJUKA, A. Ana Tibaijuka - Encarregada de liderar o programa da ONU trata de um dos temas mais sensíveis do mundo de hoje: habitação. In: Entrevista, **Revista Desafios do Desenvolvimento**, IPEA, nº 59, 2010. Disponível em: <[http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1369:entrevistas-materias&Itemid=41](http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1369:entrevistas-materias&Itemid=41)>. Acesso em: 03 mar. 2012.

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 227p.

---

<sup>4</sup> Campo Alegre surge na década de 1980, e, certamente, sofreu transformações e adaptações para a realidade do momento atual.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ª Edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. Apresentação. In: **Boris Kossoy** (website). Disponível em: <<http://www.boriskossoy.com>>. Acesso em: 15 mar. 2012

MASCARO, Cristiano. **O Uso da Imagem Fotográfica na Interpretação do Espaço Urbano e Arquitetônico**. 1986. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 1986.

\_\_\_\_\_. **A Fotografia e a Arquitetura**. 1994. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

MOREIRA, R. L. **Augusto Malta, dono da memória fotográfica do Rio de Janeiro**. Portal do Augusto Malta, 2008. Disponível em <<http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/blog-post/augusto-malta-dono-da-memoria-fotografica-do-rio>>. Acesso em 15 mar. 2012.

NUNES, A. Farm Security Administration: grandes imagens de Dorothea Lange. In: **Revista VEJA**, 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/tag/farm-security-administration>> Acesso em: 12 fev. 2012.

PARES, L. N. **Algumas Considerações em torno da Antropologia Visual**. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/colu/colu3.html>>. Acesso em: 09 nov. 2010.

ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

VASQUEZ, P. A sabedoria do olhar: O Universo fantástico de Boris Kossoy, 2010. In: **Artigos Exclusivos**, Editora Cosac Naify (website). Disponível em: <[http://www.boriskossoy.com/imprensa/cosacnaify\\_boris\\_fotografo.pdf](http://www.boriskossoy.com/imprensa/cosacnaify_boris_fotografo.pdf)>. Acesso em: 09 nov. 2010.